

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURA

CAROLINA SANTANA LOPES DOS SANTOS

**CASTRO ALVES: O MODO COMO SUA OBRA TEM SIDO ABORDADA EM
LIVROS DIDÁTICOS DO ENSINO MÉDIO EM COMPARAÇÃO COM AS OPINIÕES
DE GRANDES CRÍTICOS DA LITERATURA BRASILEIRA**

BRASÍLIA

2018

CAROLINA SANTANA LOPES DOS SANTOS

**CASTRO ALVES: O MODO COMO SUA OBRA TEM SIDO ABORDADA EM
LIVROS DIDÁTICOS DO ENSINO MÉDIO EM COMPARAÇÃO COM AS OPINIÕES
DE GRANDES CRÍTICOS DA LITERATURA BRASILEIRA**

Monografia apresentada como requisito parcial para conclusão do curso de Letras Português Licenciatura, Departamento de Teoria Literária, Universidade de Brasília.

Professor Pedro Mandagará

BRASÍLIA

2018

SUMÁRIO

Resumo.....	04
1. Castro Alves na Literatura Brasileira.....	05
1.1. História da Literatura e Livro Didático.....	05
1.2. Historiadores da Literatura Brasileira.....	06
1.3. Castro Alves nas Histórias da Literatura.....	07
2. Castro Alves nos Livros Didáticos.....	13
2.1. Livros Didáticos.....	13
2.2. Análise comparativa das abordagens dos Livros Didáticos e das Histórias da Literatura.....	16
2.2.1. <i>Novas Palavras</i>	
2.2.2. <i>Língua portuguesa: linguagem e interação</i>	
2.2.3. <i>Português contemporâneo: diálogo, reflexão e uso</i>	
2.2.4. <i>Português: contexto, interlocução e sentido</i>	
2.3. A Questão Feminina: uma análise à parte.....	19
3. Considerações Finais.....	20
Referências.....	22

Resumo

Este artigo analisa o modo como a obra de Castro Alves tem sido abordada em livros didáticos do ensino médio em comparação com as opiniões dispersadas por grandes críticos da literatura brasileira a respeito do autor, conhecido por ser extremamente ligado às inspirações revolucionárias e liberais do século XIX. Após o levantamento da fortuna crítica quanto às diferentes opiniões de críticos da literatura brasileira, foram destacadas as mudanças de abordagem dos livros, bem como as diferenças nos métodos e conteúdos didáticos. Por fim, elucidou-se quais são as abordagens comuns às histórias da literatura e aos livros didáticos, quanto à obra de Castro Alves, e qual segmento crítico (dos autores supracitados) os livros didáticos mais adotam. Além disso, foi abordada também a questão feminina, que, por sua vez, foi bastante explorada nos livros didáticos.

Abstract

This article analyzes how Castro Alves' literary work has been approached in high school textbooks in comparison to the opinions dispersed by great critics of Brazilian literature about the author, known to be extremely connected to the revolutionary and liberal inspirations of the 19th century. After the critical fortune was raised regarding the different opinions of critics to the Brazilian literature, the different approaches of the books were highlighted, as well as the differences in the didactic methods and contents were highlighted. Finally, it was elucidated which are the common approaches to the stories of the literature and to the didactic books, regarding to literary work of Castro Alves, and which critical segment (of the aforementioned authors) the high schools textbooks more adopt. In addition, the feminine question was also addressed, which, in turn, was extensively explored in textbooks.

1. Castro Alves na Literatura Brasileira

1.1. História da Literatura e Livros Didáticos

Esboçada desde o Renascimento, mas consolidada somente no século XIX, a história da literatura viria a ser o primeiro saber moderno da disciplina de letras, com livros publicados na área entre 1820-1830, como os fascículos do *Parnaso brasileiro*, publicados por Januário da Cunha Barbosa de 1829 a 1832. Diferentemente da retórica e da gramática, por exemplo, a história da literatura demanda sempre um adjetivo pátrio que a particularize e, no caso da brasileira, “por razões que não parece muito fácil determinar, a história da literatura alcançou grande prestígio acadêmico e institucional” (SOUZA, R., 2015, p. 213).

Assim, dentre os grandes compêndios publicados, foram escolhidos cinco para integrar este artigo, a saber: *História da Literatura Brasileira* (publicada em 1888), de Sílvio Romero; *História da Literatura Brasileira* (publicada em 1906), de José Veríssimo; *A Literatura no Brasil* (publicada em 1955), de Afrânio Coutinho; *Formação da Literatura Brasileira* (publicada em 1959), de Antonio Candido; e *História Concisa da Literatura Brasileira* (publicada em 1970), de Alfredo Bosi.

Portanto, “sendo uma disciplina e um gênero, a história da literatura é igualmente uma instituição: integra os sistemas de ensino de muitas nações, na condição de matéria escolar obrigatória”, inclusive, no Brasil. Assim, sendo ela “a principal referência para a formação literária dos nossos estudantes” (SOUZA, R., 2015, p. 218), serão analisadas as abordagens de livros didáticos quanto ao ensino literário da obra de Castro Alves, comparando-as com as opiniões dispersadas pelos grandes críticos escolhidos para compor este trabalho acadêmico.

Levando-se em consideração “que o jovem do Ensino Médio pode dar à sua aprendizagem escolar significados sociais, culturais e políticos imediatos” (Brasil, 2011, p. 9) e visto que o livro didático

é um material de forte influência na prática de ensino brasileira. É preciso que os professores estejam atentos à qualidade, à coerência e a eventuais restrições que apresentem em relação aos objetivos educacionais propostos. Além disso, é importante considerar que o livro didático não deve ser o único material a ser utilizado, pois a variedade de fontes de informação é que contribuirá para o aluno ter uma visão ampla do conhecimento. (Brasil, 1997, p. 67).

Assim, a análise deste trabalho quanto ao ensino da obra de Castro Alves pauta-se na observação de livros didáticos por entender que ele determina conteúdos e condiciona estratégias de ensino, marcando, pois, de forma decisiva, o que se ensina e como se ensina o que se ensina (LAJOLO, M., 1996, p. 4).

1.2. Historiadores da Literatura Brasileira

Sílvio Romero, autor da primeira *História da Literatura Brasileira* (publicada em 1888) com plena maturidade e fisionomia – de acordo com Roberto de Souza (2015), foi um sério pesquisador bibliográfico. Em sua contribuição à historiografia literária brasileira, não se apresentou como o mais apto a tratar das apresentações estéticas, por isso, limitou-se, na maioria das vezes, aos aspectos sociológicos de cada autor e de suas respectivas obras.

Quanto a José Veríssimo, autor de *História da Literatura Brasileira* (publicada em 1906), foi um escritor notável, principalmente por realizar um grande estudo histórico, sociológico e econômico da Amazônia. Sua obra que trata da literatura brasileira abrangeu as representações dos estilos e de comparação das técnicas importadas de outros países, em especial a França do século XIX.

Por sua vez, Afrânio Coutinho, incumbido de planejar e dirigir a publicação de *A Literatura no Brasil* (publicada em 1955), realizou com excelência sua tarefa de escritor e crítico da literatura brasileira. Sua obra, uma das mais notáveis, traz grandes elucidaciones, sem economia de palavras e, claramente, regada a muito estudo. Sem dúvidas, um grande promotor de estudos na área da literatura.

Outro grande estudioso brasileiro escolhido para a composição deste artigo é Antonio Candido, autor do tão utilizado livro *Formação da Literatura Brasileira* (publicado em 1959). Essa sua obra – quase um livro de cabeceira para os atuais estudantes de letras das diversas universidades do Brasil – traz uma rica crítica literária a respeito de grandes momentos da formação do sistema literário brasileiro.

O último crítico a ser tratado é Alfredo Bosi, com sua *História Concisa da Literatura Brasileira* (publicada em 1970). Ele, que é descendente de italiano e professor de literatura italiana na USP, demonstrou também grande interesse pela literatura brasileira, reflexo disso é a sua obra em análise neste trabalho.

1.3. Castro Alves nas Histórias da Literatura

A análise das histórias da literatura brasileira escolhidas para integrar este artigo será realizada de forma cronológica (por ordem de publicação) para melhor se compreender a evolução dos pensamentos, levando-se em consideração, também, o fato de que os autores consultam as obras de seus antecessores.

Sendo assim, a primeira obra utilizada para a análise é a de Sílvio Romero (*História da Literatura Brasileira* – 1888). Nela, Castro Alves é mencionado, por diversas vezes, junto a outros românticos da época, inclusive como um dos mais lidos. Ele tratou da sua biografia de modo mais detalhado, dizendo que “só dos dezessete anos (1864) em diante, o futuro autor de *Gonzaga* tomou voo em que depois subiu tão alto” (ROMERO, S., p. 595).

Para Romero (1988, p. 438, 712), Castro era um “moço ardente e inexperiente” o qual “ocupou-se com os pretos (tratados por Sílvio como “miseros cativos” em outro momento) [...], escreveu odes de indignação, de cólera, no estilo pomposo e meio declamatório de Victor Hugo”.

Ainda mais, diz ser o espírito de Castro Alves como o de um tribuno, “de um agitador; sua poesia é a expressão natural de seu caráter, de seu temperamento” (ROMERO, Sílvio, 1888, p. 715). Caráter que se expressa como de um “nítido exemplar de poeta socialista”.

De modo resumido, Sílvio (1888, p. 715, 723) declara que “quem o lê nota o lirismo gracioso dos amores, das paixões, das efusões particulares e o cantar brilhante do socialista, do democrata social”, havendo ele tido o “bom instinto de escrever belos pedaços de simples poesias”.

Em outras oportunidades, fica clara a predileção de Sílvio Romero por Tobias Barreto (1839-1889), o que pode ter influenciado sua escrita a respeito de Castro Alves. Afinal, Tobias Barreto foi também um autor do romantismo e, por muitas vezes, travou batalhas poéticas com Alves, suscitando sempre a discussão de quem seria o melhor. Para Romero, obviamente, o vencedor era Barreto, o que fica bem claro ao dizer que Tobias excedeu a Castro Alves na simplicidade e no naturalismo (ROMERO, S., p. 614). Como complemento, Afrânio Coutinho (1969, p. 221) escreveu: “De Tobias Barreto o que se pode dizer é que, não fora a insistência de Sílvio Romero, ninguém falaria nele como poeta”.

Dezoito anos depois, José Veríssimo publica a sua *História da Literatura Brasileira*, na qual trata da figura de Castro Alves como alguém extremamente inspirado por suas ideologias e pela vitalidade de sua juventude. Segundo ele, “as principais feições ou correntes de Castro Alves eram o brasileiroismo dos primeiros românticos e o sentimentalismo doentio. Seus arroubos poéticos presumiam semelhar-se ao surto do condor” (VERÍSSIMO, J., 1963, Cap. XVI, p. 146).

Nas palavras de Veríssimo (1963, p. 149), “havia em Castro Alves o fogo sagrado – parecia gênio –, um grande talento verbal, uma sincera eloquência comunicativa, um simpático entusiasmo juvenil. Tudo isso encobria as imperfeições evidentes em sua obra e disfarçavam-lhe as incorreções de pensamento e expressão”.

Similarmente a Sílvio Romero, este crítico tratou da trajetória de vida e das ideologias de Alves e de como elas podem ter motivado, algumas vezes, suas composições. Naquela época, José Veríssimo descreveu as falas políticas de Alves como possíveis extravagantes despropósitos, mas ressaltou que, na ocasião da publicação de seus numerosos poemas patrióticos, eram achadas sublimes.

Ainda, ao analisar as características específicas da composição de Alves, José Veríssimo destacou ter ele retratado

um verbo mais vivo, mais brilhante, mais sonoro, uma vida nova, formas mais variáveis, cores mais rutilantes, sentimentos menos comuns, maior fundo de ideias, maior riqueza de sensações, profundo sentimento poético, emoção sincera e [...] uma formosa idealização artística da situação do continente maldito e das reivindicações que o nosso ideal humano lhe atribui. [...] além de imagens novas, verdadeiras, belas de fato, e uma representação que em certas estrofes atinge do perfeito senão ao sublime. São disso exemplo esses versos que têm o vigor de uma grande pintura:

*Lá no solo onde o cardo apenas medra,
Boceja a esfinge colossal de pedra
Fitando o morno céu.
De Tebas nas colunas derrocadas
As cegonhas espiam debruçadas,
O horizonte sem fim
Onde branqueja a caravana errante
E o camelo monótono, arquejante,
Que desce de Efraim...* (VERÍSSIMO, J., 1963, pg.149).

Por sua vez, Afrânio Coutinho (1969, p. 23) trata de Castro Alves como um influenciador da sociedade com uma poesia “verdadeiramente nova e verdadeiramente romântica”. Ainda, cita-o como representante da poesia social, de acordo com a visão de Ronald de Carvalho, e como representante do Romantismo

liberal, de acordo com a divisão de Oto Maria Carpeaux, elucidando o segmento ideológico de suas composições (social liberal) (COUTINHO, A., 1969, p. 26).

De acordo com Coutinho (1969, p. 38), “com Castro Alves o lirismo brasileiro atinge a sua feição mais límpida, pelo timbre e pela visão e sentimento da nossa realidade” e complementa dizendo que a sua escrita está inserida em uma linha geral de subjetivismo lírico mesclado de subjetivismo realista.

Afrânio (1969, p. 225) aproveita sua obra para falar a respeito da recepção de Castro Alves entre os críticos e descreve ter ele oscilado da “exaltação à negação”. Explica que alguns fatores que interferem constantemente na forma como a obra de Alves é vista são, sobretudo, sua história de vida, sua ideologia e o papel que desempenhou como poeta social propagador do abolicionismo.

Iniciando suas fortes críticas, Coutinho (1969, p. 224, 229) expressa que “não foi Castro Alves, como se tem dito, um fenômeno à parte em nossa literatura [...]. Qualquer de suas facetas pode ser defrontada nas obras de antecessores e contemporâneos”. Para ele, a trajetória poética de Alves é “desconcertante e parece ajustar a tese – por certo extremista – de que o poeta era ‘realizado’”.

O termo “realizado”, Afrânio justifica em uma citação:

Nada promete. Não se percebe na obra dele a menor possibilidade de acréscimos futuros. É um realizado, como finalmente salientou Andrade Murici. Assim, teve a felicidade de morrer a tempo, para não arrastar pelos anos uma juventude brilhante, genialmente brilhante e insatisfeita. Mas insatisfatória também (Mário de Andrade. Aspectos da Literatura Brasileira, 1943 apud COUTINHO, A., 1969, p. 230).

Ainda nessa linha de pensamento quanto às fases de Alves, o crítico conclui:

A impressão que nos deixa, na fase derradeira, não é bem a de um ‘satisfeito’, de um ‘realizado’: é de um aniquilado – com peculiares explosões de otimismo e energia [...] é certo, Antônio de Castro Alves ergueu um mundo de contradições. Não seria prudente afirmar que ele sempre teve consciência de sua evolução. Não progredia em linha reta, mas em ziguezagues (COUTINHO, A., 1969, p. 231).

Em uma análise ao poema “Vozes D’África”, Afrânio destaca ser essa uma das melhores de suas e da nossa poesia:

*De Tebas nas colunas derrocadas
As cegonhas espiam debruçadas
O horizonte sem fim ...
Onde branqueia a caravana errante,
E o camelo monótono, arquejante
Que desce de Efraim...*

A sugestão que emana dessas linhas é fortíssima, e não deriva apenas do hexassílabo final do concurso de rimas e assonâncias nasais. O pintor de

crepúsculos que foi Castro Alves nos transmite, com admirável economia de tintas, um quadro dos mais completos em seus meios-tons e na minúcia das imagens visuais distribuídas no retângulo.

[...] Ao contrário de quase todos os românticos, que empenhavam na poesia dita social o espírito e o verso, Castro Alves só empenhava o espírito. Sua tendência era fugir do interior para os exteriores, do todo para os detalhes, do tema para os acessórios, do ideológico para o descritivo (COUTINHO, A., 1969, p. 241).

Apesar de sua crítica relativamente “dura” ao autor, dos estudiosos apresentados, foi o que melhor desenvolveu a respeito de suas obras, tratando sobre diferenças estilísticas e estruturais com o passar dos anos e sempre fazendo ligação delas com sua vida pessoal. Afrânio Coutinho não economizou palavras nem energia para tratar de Castro Alves.

Logo em seguida à publicação de *A Literatura no Brasil* de Afrânio Coutinho (em 1955), Antonio Candido publicou *Formação da Literatura Brasileira* (em 1959). Em sua obra, abordou as características de Castro Alves de modo mais poético e, nos momentos em que retratou suas faltas, o fez de forma técnica e objetiva.

Quanto ao seu modo poético, este fica claro logo no início com sua frase “ a fisionomia de Castro Alves ressalta imediatamente como o bardo que fulmina a escravidão e a injustiça, de cabeleira ao vento” (CANDIDO, A., 2000, vol. II, p. 241).

Candido compara a importância de Alves como cantor do negro escravo com a importância de Gonçalves Dias ao retratar os índios. Ressalta haver em sua obra a luta do homem com a sociedade, pois, diferentemente de muitos de seus antecessores, que poetizavam a luta interior, Alves se ateu à luta externa do homem com o próprio homem (CANDIDO, A., 2000, vol. II, p. 241).

Como maior episódio de literatura participante que seu tempo conheceu, Antonio (2000, vol. II, p. 241-242) complementa essa afirmativa dizendo que uma característica peculiar da poesia castro-alvina é a psicologia do poeta criador que se identifica em profundidade com o ritmo da vida social.

Candido (2000, vol. II, p. 243) diz, quanto à musicalidade de Alves, que “muitos de seus poemas denotam a incontinência verbal tão brasileira, expressa pela floração de oradores que constituem a expressão intelectual mediana do povo”. Além disso, “é fácil colher em sua obra exemplos semibestialógicos, quando a vertigem oral e a necessidade da rima não têm a sorte de encontrar solução imediata de beleza”.

Outra crítica do autor em relação a Castro Alves diz respeito à “inconsistência da imagem manifesta pelo abuso de apostos ou pela superposição de imagens

sobre um tema ou emoção”. No entanto, apesar dos pesares, sua inspiração supera-se nos versos com “belo sublime” (CANDIDO, A., 2000, vol. II, p. 244-245).

Para Antonio (2000, vol. II, p. 246), Alves foi “um grande poeta, quiçá o maior do Romantismo”. Afrontou concepções antirromânticas de poesia pura como o orador em verso. Afinal, sua poesia assumiu compromissos com a vida. “Os seus aspectos positivos e negativos atingem o grau máximo na poesia abolicionista, onde a beleza lírica se alterna ou mistura ao mal gosto oratório ou folhetinesco”.

Concluindo sua fala, Antonio Candido escreve:

Castro Alves se distingue pelo vigor da paixão que supera os elementos predominantes em outros românticos e, alguns, presentes também na sua obra: dúvida, abatimento, cinismo, melancolia.

[...] Graças a isto, encontramos, pela primeira vez, na poesia romântica, uma obra onde a dor não se traduz em lamúria.

[...] A vocação cósmica responde, nele, a certa visão pendular, que o faz passar constantemente de um extremo a outro, do pequeno ao grande, traduzindo-se formalmente em antítese.

[...] Castro Alves sentiu, conheceu, e até certo ponto assumiu os conflitos da geração precedente; mas pôde superá-los pela vitalidade da inspiração, formando uma poesia generosa e plástica, na qual modelou as descobertas fundamentais do Romantismo na matriz original do seu talento. (CANDIDO, A., 2000, vol. II, p. 250-255).

Onze anos depois, foi a vez de Alfredo Bosi publicar a sua *História Concisa da Literatura Brasileira* (em 1970), na qual aborda o poeta, inicialmente, a partir de um ponto de vista político, esclarecendo a sua posição liberal-abolicionista na época da viragem política do segundo Império. Já em relação à obra de Castro Alves, Alfredo Bosi (1975, p. 96) diz que o autor tratou das angústias vividas pelo negro, retratando a “realidade maciça de uma nação que sobrevivia à custa de sangue escravizado”, diferenciando-se de seus antecessores, que se continham mais em explorar o romantismo heroico e rebelde.

De acordo com Bosi (1975, p. 97), o trabalho de Castro Alves se concretizava em imagens grandiosas, com grandes seres, divindades e a própria natureza, muitas vezes, personificada em suas poesias. Outra ocorrência comum em sua obra é a comparação e intercalação de histórias cristãs e homéricas para construir a retórica de seus gritos e críticas à realidade da época, como ficou claro em seus poemas “O Navio Negreiro” e “Vozes D’Áfricas”.

Outra grande característica retomada por Alfredo Bosi é o fato de Alves não se restringir a falar do campo, mas revolucionava ao escancarar o opróbrio da sociedade mesmo em espaços urbanos e que se diziam “civilizados”. De acordo com

ele, é preciso compreender em seus poemas a intenção persuasiva de cada um deles. Sua poesia, que fora escrita para ser declamada, possuía alto potencial comunicativo, por meio do qual anunciava sua revolta e seus ideais, como “autêntico filho da burguesia liberal” que era (BOSI, A., 1975, p. 97).

De acordo com a visão de Alfredo Bosi, apesar do claro discurso de Alves, suas palavras ainda tinham de ser medidas para não fugirem ao gênero da poesia e tornarem-se propaganda de um movimento, o que o faria medíocre como poeta. No entanto, esse defeito, graciosamente, Antônio de Castro evitou ao conseguiu transpor suas convicções liberais em uma linguagem forte e justa, o que já não conseguiram alguns de seus antecessores, como Tobias Barreto (o que, certamente, discordou Sílvio Romero) (BOSI, A., 1975, p. 98-99, 222).

Em geral, Bosi (1975) deixa manifesta sua apreciação à obra de Castro Alves ao dizer que ele soube muito bem explorar os efeitos do épico, do lírico e oratório, traduzindo a qualidade de um bom texto literário, permitindo-se, a partir disso, concretizar sua superioridade poética.

2. Castro Alves nos Livros Didáticos

2.1. Livros Didáticos

Para dar seguimento a este trabalho, foram selecionados quatro livros didáticos aprovados pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), os quais foram apresentados às escolas da rede pública de ensino. Os quatro livros foram publicados em 2016 e atendem à grade curricular do 2º ano do Ensino Médio. Além disso, todos são materiais de divulgação de suas editoras e manuais para o professor, o que possibilita uma análise melhor de seus objetivos de aprendizagem, partindo-se do pressuposto de que o livro do professor precisa ser mais que um exemplar que se distingue dos outros por explicitar suas concepções de educação e as teorias que o fundamenta, bem como por conter a resolução dos exercícios propostos (LAJOLO, M., 1996, p. 3).

As obras serão analisadas conforme ordem alfabética e são elas: *Novas Palavras*, editora FTD (AMARAL, Emília et al., 2016); *Língua portuguesa: linguagem e interação*, editora Ática (FARACO, Emílio et al., 2016); *Português contemporâneo: diálogo, reflexão e uso*, editora Saraiva (CEREJA, William et al., 2016); e *Português: contexto, interlocução e sentido*, editora Moderna (ABARRUE, Maria Luiza et al., 2016).

O material de divulgação da FTD, *Novas Palavras*, tem quatro autores e, dos livros analisados, é o que possui o conteúdo mais reduzido quanto à obra de Castro Alves. Em apenas 3 páginas a obra introduz a terceira geração romântica e trata do autor, sua biografia e contribuição artística. Usa como exemplo do estilo e temática de Castro Alves um fragmento do poema “O navio negreiro”, apesar de também citar “Vozes d’África”, e trata brevemente de suas poesias descritivas da natureza e das “aventuras amorosas que inspiraram o lirismo de fortes tons eróticos” (AMARAL, Emília et al., 2016, p. 82). Destaca-se também o fato de, das analisadas, ser a única obra que não apresenta glossário para melhor entendimento do poema apresentado.

Apesar do curto desenvolvimento teórico e do mínimo exemplo da obra de Castro Alves, o livro se destaca entre os selecionados por apresentar uma das melhores propostas de atividades, pois nela afirma as principais características da escrita de Alves e deixa a cargo dos alunos identificá-las no fragmento do poema apresentado, colocando-os na posição de críticos, o que os faz também desenvolver

o olhar artístico, o que não é tão explorado nos outros livros analisados. Além disso, é nas atividades que o exemplar trabalha bem a interpretação, por meio de análise e propostas de reflexão quanto à temática abolicionista do texto. É também na atividade que fica clara a influência de Vitor Hugo na obra de Castro Alves, bem como o contínuo uso de figuras de linguagem e de outros recursos estilísticos usados pelo artista para expressar sua preocupação com o social. Sendo assim, a maior parte do desenvolvimento crítico a respeito da obra de Castro Alves está subentendida nas questões.

Por sua vez, o livro didático *Língua portuguesa: linguagem e interação*, composto por três autores, apresenta Castro Alves no final do romantismo, primeiramente, com um poema representante da figura feminina: “Adormecida”. Em seguida, o exemplar traz uma pequena biografia e ressalta sua popularidade como poeta revolucionário e sua grande capacidade de declamar seus próprios poemas.

Desenvolve ainda a respeito da causa abolicionista de Alves, por meio de um fragmento de “O navio negreiro”. Destaca-se, na análise, a subjetividade romântica de Castro Alves, sua linguagem pomposa, sua persuasão com um discurso inflamado e as grandes imagens, bem como define o poema como “um bom exemplo da chamada **literatura engajada**, ou seja, a literatura que serve a uma causa” (FARACO, Emílio et al., 2016. Grifo do autor, p. 95).

Quanto às atividades do livro, em geral, não possuem nenhuma questão que considere os poemas e seus sentidos como um todo. Atêm-se, basicamente, a aspectos gramaticais, com questões simples de interpretação e de conhecimento histórico. Ainda, utiliza de trechos específicos dos poemas expostos para trabalhar conceitos de figuras de linguagem.

Português contemporâneo: diálogo, reflexão e uso é o terceiro livro didático a ser analisado, escrito por três autores, e, de todos, é o que melhor trabalha a obra de Castro Alves, dedicando a ele 6 preenchidas páginas de análise, explanação e comparação com movimentos culturais atuais – retratando letras de músicas e filmes da atualidade que compartilham da mesma temática. A poesia de Castro Alves abre o terceiro capítulo do livro, o qual traz uma breve introdução sobre a terceira geração romântica, apresentando suas características, influenciadores e compositores, destacando Castro Alves como “a principal expressão poética do condoreirismo” (CEREJA, William et al., 2016, p. 69). Em seguida, é apresentada uma biografia

mais detalhada do autor, a qual trata de sua vida social, política e econômica – aspectos que influenciaram suas ideologias e, conseqüentemente, sua escrita.

Na sequência, os autores tratam das vertentes da obra de Alves, destacando a poesia lírica, a épica social e o drama (o único dos analisados que trata das obras dramáticas de Alves, exemplificando-as com *Gonzaga ou a revolução de Minas*). Discorre a respeito de sua temática abolicionista, caracterizando-o como o “poeta dos escravos”, e, quanto à sua poesia lírica, cita a obra *Espumas Flutuantes*, como exemplo de expressão de “um novo retrato da mulher e uma nova concepção do amor” (CEREJA, William et al., 2016, p. 70).

O livro também utiliza de ferramentas didáticas que possibilitam ao aluno melhor entendimento e que, ao mesmo tempo, sugerem consultas em outras linhas de produção artísticas associadas à temática de Castro Alves. Ele põe em prática essa proposta ao fazer menção ao filme *12 anos de escravidão*; à música “Todo camburão tem um pouco de Navio Negreiro”, do grupo O Rappa; à obra literária *A Cabana de Pai Tomás*, da norte-americana Harriet Beecher Stowe; e ao filme *Uma luta pela igualdade* (fazendo ponte com situações atuais de luta e realidade dos negros), bem como, em relação à poesia lírica, utiliza os quadros *Lady Lilith* (1869), de Dante Gabriel Charles Rosseti, e *Arrufos* (1887), de Belmiro de Almeida.

Para a construção de suas atividades, o livro apresenta um trecho de “O navio negreiro” e o poema “O “adeus” de Teresa”. Nas questões, trabalha a interpretação e a percepção de diferentes vozes pelos alunos; sugere reflexão quanto à temática e debate em turma; e enfatiza as formas, o movimento, a sonoridade e a construção das imagens. Como também ocorre nos outros livros didáticos, aproveita-se dos poemas para trabalhar as figuras de linguagem.

A última coleção analisada, *Português: contexto, interlocução e sentido*, possui aspectos originais no modo como aborda a obra de Castro Alves, sendo, a maioria deles. O livro inicia sua abordagem com uma atividade de interpretação de um trecho de “O Navio Negreiro”. Nela, também trabalha as figuras de linguagens e a temática social a partir de uma clara questão de reflexão para os alunos.

Nesse exemplar, Castro Alves é apresentado como o “último dos poetas românticos” e como “o cantor dos escravos”. Em sua explanação, trata de algumas diferenças estéticas entre os primeiros movimentos românticos e destaca as marcas que distingue as obras de Alves das dos demais autores da época, inclusive

mencionando a causa abolicionista, caracterizando-o, quanto a essa linha, como “ousado”.

Em seguida, apresenta um trecho do poema “Tragédia no lar” e, diferentemente dos outros livros analisados, fala do uso da ironia em seus versos. Além disso, traz análises dos trechos e poemas que apresenta, deixando muito pouco a cargo dos alunos. Destaca-se o fato de comparar Castro Alves a Gonçalves Dias: “Se os versos indianistas de Gonçalves Dias defendiam o orgulho da pátria, a poesia abolicionista de Castro Alves denuncia o país que empresta sua bandeira para cobrir os corpos torturados dos escravos.” (ABARRUE, Maria Luiza et al., 2016, p. 58).

Outro aspecto interessante do livro em questão é o fato de ele também tratar a erotização feminina na poesia lírica de Alves, trazendo, para exemplificar suas análises, o poema “O “adeus” de Teresa”, sobre o qual comenta a respeito de uma nova mulher, sem os “traços de perfeição inatingíveis com que era desenhada por autores” outros (ABARRUE, Maria Luiza et al., 2016, p. 59). Por fim, a poesia de Castro Alves é tratada como representante do amadurecimento da literatura brasileira e de uma voz mais nacional.

2.2. Análise comparativa das abordagens dos Livros Didáticos e das Histórias da Literatura

2.2.1. Novas Palavras

De modo geral, o exemplar aborda diferentes conceitos quanto à obra de Castro Alves que foram analisados pelas críticas que compõem este trabalho. Retrata as questões sociais e políticas como todos os historiadores, especificando seu posicionamento liberal-abolicionista, como Alfredo Bosi bem retratou. O livro também aborda a influência de Vitor Hugo, como foi levantado por Silvio Romero, bem como suas polêmicas, ponto comum com José Veríssimo. Além disso, trata do tom declamatório (como Silvio Romero e Afrânio Coutinho) e persuasivo (como retratou Alfredo Bosi).

O exemplar não explana as composições líricas do autor, mas a retrata de modo coerente com os quatro críticos estudados. Uma característica específica que aborda é a comparação da poesia de Castro Alves com “as cores e o vigor de

grandes pinturas” (VERÍSSIMO, J., 1963, pg.149), ao trazer uma tela famosa (Negros no fundo do porão (1835) de Johann Moritz Rugendas), e, em uma questão da atividade, por pedir para que os alunos identificassem um trecho do poema “O Navio Negreiro” que pudesse servir de legenda para a tela. Esse modo de comparação dos poemas de Castro com pinturas é bem analisado por José Veríssimo e, de modo mais simples, também retratado por Afrânio Coutinho.

Já na atividade, fica clara a influência da obra de Antonio Candido, pois o livro explora bastante as figuras de linguagem utilizadas por Castro Alves na construção de seus poemas. Além disso, reforça o sentido declamatório da obra de Alves e aborda seus recursos sonoros (retratos por José Veríssimo).

2.2.2. Língua portuguesa: linguagem e interação

Este exemplar possui uma abordagem mais simples e direta ao tratar da obra de Castro Alves como um todo. Enfatiza seu tom declamatório, como fizeram Silvio Romero e Afrânio Coutinho e sua temática abolicionista, retratadas pelos críticos, com exceção de José Veríssimo. Além disso, aborda a questão de a obra castroalvina “ceder espaço à percepção dos desequilíbrios sociais” (FARACO, Emílio et al., 2016, p. 93), o que também foi explorado por Afrânio Coutinho e Antonio Candido.

Outro aspecto interessante retratado pelo livro é a linguagem pomposa de Castro Alves, o que foi elucidado por Silvio Romero, bem como o uso de imagens grandiosas, da personificação e da persuasão, recursos explorados por Alfredo Bosi.

Em suas atividades, há questões que exploram o conhecimento semântico, sintático e morfológico dos alunos, o que o diferencia dos outros livros didáticos analisados, mas também trabalha algumas figuras de linguagem, como a metáfora e a prosopopeia.

2.2.3. Português contemporâneo: diálogo, reflexão e uso

Neste exemplar, há também menção à influência de Vitor Hugo, ao caráter declamatório na obra de Castro Alves, como pontuou Silvio Romero, bem como trata de seu estilo de escrita voltada para o outro e para o mundo exterior, como destacaram Afrânio Coutinho e Antonio Candido. Diferentemente dos outros livros

analisados, este traz uma biografia do autor mais detalhada, assemelhando-se à iniciativa de Silvio Romero, o qual, dos historiadores da literatura, foi o que mais tratou da vida de Castro Alves. Além desses aspectos, o livro deixa clara a posição liberal-abolicionista de Alves, como enfatizou Alfredo Bosi.

Ainda quanto às aproximações com os escritos de Alfredo Bosi, o livro didático em análise também faz menção às imagens grandiosas de Alves e à sua persuasão por meio de recursos retóricos. Além disso, o capítulo também retrata a poderosa sonoridade com tom eloquente, como fez José Veríssimo.

Por sua vez, Antonio Candido tem sua participação, principalmente, nas atividades, mais uma vez ao se analisar as figuras de linguagens tão diversas e comuns na obra de Castro Alves. Os poemas analisados (“O Navio Negreiro” e “O ‘adeus’ de Teresa”) são, no livro, os representantes da poesia épica e lírica, respectivamente, e é a partir deles que fica sugerido ao professor suscitar debates e realizar momentos interativos de explanação e interpretação dos textos com os alunos.

2.2.4. *Português: contexto, interlocução e sentido*

Todo o exemplar se constrói baseado em afirmações de Antonio Candido¹, utilizando-se, até mesmo, de expressões culturais dadas pelo historiador da literatura, ao retratar Castro Alves como “o cantor dos escravos”. Além disso, valoriza o tom de denúncia às injustiças sociais da época, sua musicalidade e seu carregado uso de figuras de linguagem, como bem elucidou Candido.

Um aspecto peculiar a este livro didático é o fato de esse ser o único entre os analisados que compara Castro Alves a Gonçalves Dias, como fez Antonio Candido:

Se os versos indianistas de Gonçalves Dias defendiam o orgulho da pátria, a poesia abolicionista de Castro Alves denuncia o país que empresta sua bandeira para cobrir os corpos torturados dos escravos. (ABARRUE, Maria Luiza et al., 2016, p. 58)

Desse modo, ao se perceber a influência quase que pervasiva de Antonio Candido no livro, pode-se dizer que muitos outros argumentos e elucidações defendidos pelos outros autores deixam de ser incorporados, o que, de certo modo, condiciona as visões dos alunos à de um crítico literário em particular.

¹ Com exceção ao fato de retratar a causa abolicionista de Castro Alves, o que, além de Antonio Candido, também foi retratado por Silvio Romero, Afrânio Coutinho e Alfredo Bosi (o que não o fez José Veríssimo).

2.3. A questão feminina: uma análise à parte

Apesar de se reconhecer um novo tratamento de Castro Alves na poesia lírica, como destacou Afrânio Coutinho (1969, p. 38) ao dizer que, “com Castro Alves o lirismo brasileiro atinge a sua feição mais límpida, pelo timbre e pela visão e sentimento da nossa realidade”, não há nas abordagens dos críticos nada que trate a construção poética de Alves como uma exaltação à figura feminina mais realista, como acontece nos livros didáticos. Apesar de os críticos tratarem dos poemas líricos, neles, a mulher ainda é uma inspiração, uma imagem ora erótica, ora sensual, mas desprovida da força e do lugar de destaque, havendo, inclusive, crítica à entrega de Alves ao seu grande amor, a atriz portuguesa Eugênia Câmara – vertente à qual esta pesquisa não se ateve, mas considera interessante para trabalhos futuros.

Nesse aspecto, lança-se a hipótese de que a conquista dos movimentos feministas contemporâneos, iniciados na segunda metade da década de 1960, com foco na libertação da mulher da opressão social nos mais diversos ambientes, tem alcançado efeito até mesmo nas abordagens literárias das salas de aula. Trazer a questão feminina em destaque elucidada bem essa mudança da imagem social da mulher do século XXI em relação à mulher do século XIX. Apesar de já estar presente uma nova mulher nas poesias de Castro Alves, as leituras dos críticos estudados neste artigo não abordaram essa questão como os livros didáticos, os quais, por sua vez, colocam em destaque a mulher não só como alvo de uma poesia lírica, mas como uma figura expressa com nova representatividade, com corpo e alma, sentimental, erótica e sensual: uma mulher integral e real.

Assim, vale esclarecer que, dos quatro livros didáticos analisados, três retratam a “nova mulher” de Castro Alves – *Língua portuguesa: linguagem e interação* (FARACO, Emílio et al., 2016); *Português contemporâneo: diálogo, reflexão e uso* (CEREJA, William et al., 2016); e *Português: contexto, interlocução e sentido* (ABARRUE, Maria Luiza et al., 2016) –, tendo dois deles – *Língua portuguesa: linguagem e interação* (FARACO, Emílio et al., 2016) e *Português: contexto, interlocução e sentido* (ABARRUE, Maria Luiza et al., 2016) – uma abordagem que cria um espaço exclusivo para a temática dentro do capítulo, com título e poemas específicos para se fazer as análises.

3. Considerações Finais

A partir da análise realizada, pode-se concluir que há muitos aspectos em comum entre as abordagens dos livros didáticos e dos historiadores da literatura brasileira quanto à obra de Castro Alves. No entanto, após feita a comparação, identifica-se mais ocorrências da crítica literária de Silvio Romero e de Afrânio Coutinho nos livros didáticos, sempre retratando sua temática abolicionista e o tom declamatório de Alves. Além disso, é comum também a utilização da abordagem de Antonio Candido quanto ao uso de figuras de linguagem, o que é bastante explorado, principalmente, nas atividades.

Mesmo assim, em todos os livros didáticos há aspectos comuns às histórias da literatura aqui apresentada, seja para retratar aspectos políticos e ou o tom persuasivo de Castro Alves (como fez Alfredo Bosi); seja pra falar de recursos sonoros ou de imagens e movimentos (como destacou José Veríssimo); pra falar da influência de Vitor Hugo e da temática ou tom declamatório de sua obra (como ressaltou Silvio Romero); pra explicitar a abordagem da escrita para o outro e para o mundo exterior (como fizeram Afrânio Coutinho e Antonio Candido); ou para trabalhar as figuras de linguagem e compará-lo a Gonçalves Dias (aspectos mais abordados na obra de Antonio Candido). É importante que se esclareça que essas abordagens são realizadas principalmente desse modo, mas não necessariamente.

Ressalta-se, ainda, que, no último livro analisado (*Português: contexto, interlocução e sentido*), percebe-se a influência quase que unânime de Antonio Candido, o que, de certo modo, aliena as visões dos alunos à de um crítico literário em particular.

Ainda, é preciso que se compreenda que:

Nenhum livro didático, por melhor que seja, pode ser utilizado sem adaptações. Como todo e qualquer livro, o didático também propicia diferentes leituras para diferentes leitores, e é em função da liderança que tem na utilização coletiva do livro didático que o professor precisa preparar com cuidado os modos de utilização dele, isto é, as atividades escolares através das quais um livro didático vai se fazer presente no curso em que foi adotado. (LAJOLO, M., 1996, p. 8).

Quanto à questão feminina abordada nos livros didáticos, faz-se importante elucidar que essa é uma tendência atual, movida pelos ideais dos movimentos feministas contemporâneos, os quais já demonstram seus efeitos nas salas de aula.

Ademais, sugere-se que novas pesquisas sejam realizadas com a intenção de se verificar como outros autores e suas obras têm sido abordados nos livros didáticos do Ensino Médio, podendo-se comparar, também, livros didáticos mais antigos com mais atuais, para se analisar se há e como se dá a evolução do estudo literário brasileiro em escolas públicas e particulares.

Referências

AFRÂNIO COUTINHO. Biografia. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/afranio-coutinho/biografia>>. Acesso em: 20/11/2017.

ALFREDO BOSI. Biografia. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/alfredo-bosi/biografia>>. Acesso em: 20/11/2017.

ANTONIO CANDIDO. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/critico-literario-antonio-candido-morre-aos-98-em-sao-paulo.ghtml>>. Acesso em: 20/11/2017.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 2ª ed. Universidade de São Paulo: Cultrix LTDA, 1975. Disponível em: <<http://static.recantodasletras.com.br/arquivos/4763476.pdf>>. Acesso em: 16/11/2017.

BRASIL. *Guia de livros didáticos: PNLD 2012: Língua Portuguesa*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2011.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução*. Secretaria de Educação Fundamental, Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>>. Acesso em: 30/03/2018.

CACIAN. Renato. Feminismo: Movimento surgiu na Revolução Francesa. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/sociologia/feminismo-movimento-surgiu-na-revolucao-francesa.htm>>. Acesso em: 25/04/2018.

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*. 9. ed. Belo Horizonte – Rio de Janeiro: Editora Itatiaia Ltda., 2000. Disponível em: <<https://joaocamillopenna.files.wordpress.com/2013/08/117023824-candido-antonio-formacao-da-literatura-brasileira-vol-1-e-2.pdf>>. Acesso em: 07/11/2017.

CASTRO ALVES. Biografia. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/castro-alves/bibliografia>>. Acesso em: 20/11/2017.

COUTINHO, Afrânio. *A Literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editorial Sil Americanas S. A., 1969. 2 v. Disponível em: <<https://www.passeidireto.com/arquivo/24440182/afranio-coutinho--a-literatura-no-brasil-02>>. Acesso em: 20/11/2017.

JOSÉ VERÍSSIMO. Biografia. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/jose-verissimo/biografia>>. Acesso em: 20/11/2017.

LAJOLO, M. Livro Didático: um (quase) manual de usuário. In: *Em Aberto*, ano 16, n. 69, Jan/Mar, 1996. Disponível em: <<http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/view/2061/2030>>. Acesso em: 28/03/2018.

ROMERO, Sílvio. *História da Literatura Brasileira: Tomo Segundo (1830-1877)*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier – Livreiro Editor, 1888. Disponível em: <<http://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=42099>>. Acesso em: 27/11/2017.

SÍLVIO ROMERO. Biografia. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/silvio-romero/biografia>>. Acesso em: 20/11/2017.

SOUZA, Roberto Acízelo de. *A Ideia de História da Literatura*. R. IHGB, Rio de Janeiro, a. 176 (466):211-220, jan./mar. 2015. Disponível em: <<https://ihgb.org.br/revista-eletronica/artigos-466/item/108126-a-ideia-de-historia-da-literatura.html>>. Acesso em: 05/04/2018.

VERÍSSIMO, José. *História da Literatura Brasileira*. 1 Ministério da Cultura - Fundação Biblioteca Nacional - Departamento Nacional do Livro. Rio (Engenho Novo), 11 de julho de 1915. Disponível em: <<https://www.passeidireto.com/arquivo/24687055/a-historia-da-literatura-brasileira-jose-verissimo-->>. Acesso em: 13/11/2017.